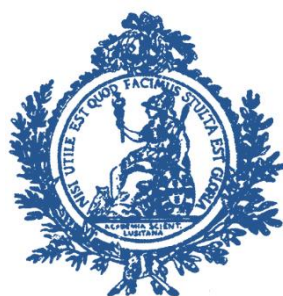


Ilídio do Amaral

**PALAVRAS PROFERIDAS NA HOMENAGEM  
PRESTADA A MALANGATANA VALENTE  
NGWENYA EM SESSÃO DA ACADEMIA DAS  
CIÊNCIAS DE LISBOA DE 13 DE JANEIRO DE  
2011**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS



Ilídio do Amaral

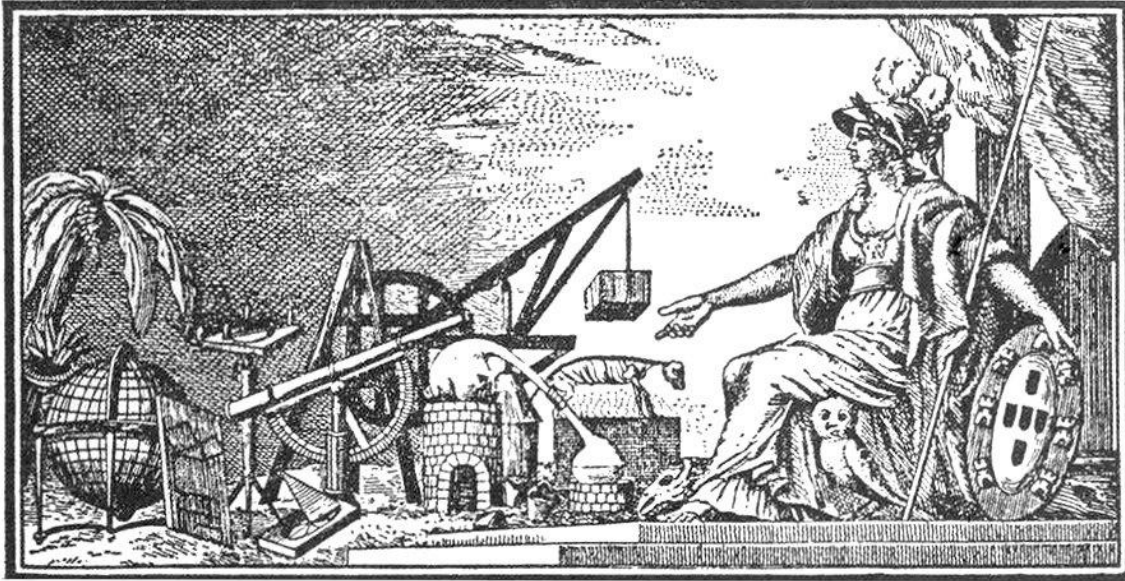
**PALAVRAS PROFERIDAS NA HOMENAGEM  
PRESTADA A MALANGATANA VALENTE  
NGWENYA EM SESSÃO DA ACADEMIA DAS  
CIÊNCIAS DE LISBOA DE 13 DE JANEIRO DE  
2011**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS





**PALAVRAS PROFERIDAS NA HOMENAGEM PRESTADA A  
MALANGATAN VALENTE NGWENYA EM SESSÃO DA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA DE 13 DE JANEIRO DE 2011**

ILÍDIO DO AMARAL

*“As minhas mãos são as únicas armas que tenho  
para dar esta continuidade para com o País, e não só, para o Mundo.  
Sou ambicioso nesse aspecto, não admito parar;  
de facto só pararei quando a alma não puder funcionar mais.”*

(De entrevista de Malangatana dada a Virgílio A. Sitole em Fevereiro de 2006).

---

*Recordando*

**Malangatana Valente Ngwenya**

(1936 - 2011)

Não é fácil encontrar as palavras justas para prestar Homenagem à grandeza da personalidade que foi Malangatana Valente Ngwenya falecido, infelizmente, no dia 5 deste mês, aos 74 anos de idade, quando ainda tinha tanto para nos dar. Evitarei repetir o que já tem sido dito a seu propósito à exaustão, preferindo recordá-lo, neste momento, como **Homem e Mestre**.

Eleito Sócio Correspondente moçambicano da Academia das Ciências de Lisboa em 2008, no dia 8 de Outubro de 2009 esteve nesta casa, acompanhado pelos seus familiares mais próximos, para proferir a sua primeira conferência – assim julgava ele e julgávamos nós –, receber o Diploma de Académico e o respectivo Cartão.

Era um Homem transbordante de simpatia que cativou o público presente no Salão Nobre da Academia. Em palavras aparentemente simples dissertou sobre as relações entre a Arte e o Desenvolvimento Humano, com base nas suas experiências intensamente vividas. Foi uma verdadeira lição de Mestre, cheia das cores e símbolos presentes na sua obra multifacetada.

Afirmou, mais uma vez, como fazia sempre que houvesse a ocasião para tal, o seu acrisolado orgulho em ser produto do cruzamento de duas culturas: a moçambicana, e em sentido mais lato a africana, e a portuguesa, e em sentido mais lato a europeia. Como lhe ouvi dizer, sentia-se igualmente bem nas duas casas: Moçambique e Portugal. Quis o destino traçar-lhe o início de vida na primeira no dia 6 de Junho de 1936 aldeia de Matalana e o fim na segunda no dia 5 de Janeiro de 2011 em Matosinhos.

Ao ser conhecido o seu falecimento falaram dele, com louvores e saudades, os mais altos responsáveis dos Estados da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a própria CPLP, numerosas e ilustres personalidades de vários países, os órgãos de comunicação social de muitas partes do Mundo. Choraram-no os amigos e discípulos. Portugal deu-lhe honras de cerimónia fúnebre no Mosteiro dos Jerónimos.

Senhor de uma biografia impressionante, a que ele se referia com simplicidade despegada de vaidades terrenas, era um Homem de boa vontade, que adorava partilhar com outros os seus dons artísticos, amigo de viajar e de conhecer outras gentes, novas cores, outros falares e paladares, espalhando a sua Arte em exposições temporárias e museus de cidades de vários continentes.

Aos amigos dava a sua morada nos seguintes termos: “Dizes sempre que vivo longe em África /.../ mas caro amigo / onde habito / os caminhos estão largos / tão largos como a alma duma flor / são caminhos / caminhos feitos de sons de tambores / e / amigo / cada eco te indicará o caminho / ao fundo as palhotas / mas o caminho é ladeado de árvores / aquelas que dialogam connosco / e / contigo também / minha casa fica perto / siga o eco dos tambores / e caro amigo / o ulular das mulheres / e os gritos das crianças / são a melhor seta para chegares / sem engano / e eu te espero” (do seu poema “Amigo”).

Adorava a vida, detestava a morte. Isso mesmo disse numa entrevista que concedeu, em Fevereiro de 2006, a Virgílio Ananias Sitole, membro da Companhia Nacional de Canto e Dança de Moçambique: “Eu detesto a morte. Detesto a morte noutros e detesto a minha morte /.../ Detesto porque é tão bom viver, é tão belo amar e tão belo criar e ver os outros a criarem. É tão belo a gente ver a planta que semeia a crescer ...”

Artista de várias artes, pintou quadros e murais, foi gravador, escultor, ceramista, serigrafista, desenhador de tapeçarias (sirva de exemplo a grande tapeçaria bordada por grupos de mulheres austríacas na Áustria), músico e cantor quando instado, actor, poeta, humanista, político. E tudo isso soube praticar com isenção e equilíbrio como sublinhou Graça Machel, também Sócia Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, num depoimento muito recente: “Malangatana não é só artista, é um homem que dispensa toda e qualquer descrição em termos de como soube ser um político sem ser político, um educador sem ser professor, um artista que vai para todas as dimensões daquilo que pode descrever a universalidade dos valores do Homem /.../ É uma gratidão enorme de todos nós tê-lo como filho de Moçambique, aquilo que ele deixa connosco não tem preço”.

Era intuitivo: “Nasce tudo dentro de mim. Quando começo a pintar não penso agora vou pintar a condição humana ou a metamorfose” /.../ “Gosto também muito de cantar e gostaria muito de saber compor. Quando estou a pintar, estou a fazer partituras. Gostaria muito que um dia alguém olhasse para a minha pintura e encontrasse nela uma canção que eu não cantei”, palavras

---

que ele disse em 2009 a propósito de uma exposição no Teatro Municipal da Guarda, publicadas no “Jornal do Fundão”. Ou, no mesmo ano, quando foi da inauguração da escultura monumental que fez para o Barreiro, “nunca tinha feito nada de tão grande em mármore. Fiz uns esboços e fui fazendo e estou satisfeito com o que temos construído na pedra. Deixei o corpo e a alma bailarem sobre a pedra” (Jornal “Rostos”).

Mas era frontal quando necessário. Desde cedo registou a sua marca. Conta-se que, numa das suas primeiras exposições, ao ouvir alguém que, perante um dos quadros, utilizava a palavra “surrealista” ele corrigiu: “Surrealista não, o meu nome é Malangatana”. Em 1963 quando Nelson Mandela foi preso ele retirou as suas obras de uma exposição colectiva itinerante pela África. Em 1972 aceitou ser intérprete principal na figura de um guerrilheiro do filme de Lopes Barbosa “Deixem-nos ao menos subir às palmeiras” feito em terras moçambicanas. A exibição do filme foi interdita pela PIDE de má memória. Esteve prisioneiro dessa polícia por defender o que acreditava ser melhor para o seu país. Nos seus quadros e murais espelham-se causas políticas e ele soube, de forma assumida, estabelecer as relações entre os dois domínios.

Foi uma referência de Moçambique em toda a parte, o melhor embaixador da moçambicanidade. Muitas pessoas por esse mundo fora prestaram maior atenção a Moçambique depois de terem conhecido as obras de Malangatana. Nesses termos se expressou o escritor Mia Couto, Académico Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa desde Dezembro passado: “É uma notícia muito triste, muito triste. Moçambique teve em Malangatana uma espécie de Embaixador Permanente da cultura pela projecção que deu ao País. Moçambique é hoje mais e melhor conhecido em grande parte pela obra de Malangatana /.../. Afirmou princípios de uma cultura sem fronteiras, com dignidade e sem agressões por outras raças e culturas. Entendia que as culturas eram mulatas /.../. Era o professor da Moçambicanidade”.

A UNICEF, pelo muito amor que ele tinha às crianças e pelos cuidados postos na sua preparação artística e cultural (o exemplo da escolinha “Vamos brincar” no bairro do Aeroporto de Maputo), nomeou-o Embaixador de Arte e Cultura. Irina Bokova, Directora Geral da UNESCO, relevou a sua importância: “Com a morte de Malangatana a Arte africana perdeu um dos seus maiores talentos. Ele era não só um artista maravilhoso, mas também um ardoroso defensor da Paz”. Era na verdade um dos símbolos da lusofonia na África ressurgente.



Como poeta, é possível que no seu leito de doente no Hospital de Matosinhos, ainda lúcido, mas sabendo-se condenado à morte, tenha desbobinado o filme da sua vida e recordado o seu poema “A Coruja”, de que cito uma parte: “Na noite sem estrelas / dois gatos pretos iluminaram a cabana de Hokwana Hehlise / que morreu depois dos gatos terem miado. / Eu lutando comigo só / é impossível vencer as ondas / que feiticeiramente me esboçam / as corujas, gatos e tambores.”

Entre o muito que se tem escrito sobre Malangatana após o seu falecimento decidi fazer a leitura de um belo texto do poeta moçambicano mais em destaque na actualidade, Eduardo White, nascido em Quelimane em 1963: “Nosso colorido marinheiro Malangatana”, glosando o seu gosto pelas viagens e os simbolismos, cores e sinais, na sua arte. A montagem do texto e duas fotografias do Homenageado, que vem a seguir, é da minha responsabilidade.

Morreu o Homem, ficaram as suas Palavras e, sobretudo, a sua Arte que perdurará por muitos e muitos anos. Malangatana regressou, definitivamente, à sua Matalana para ser sepultado em terreno do seu Centro Cultural, o sonho de muitos anos. À Família e à Fundação com o seu nome cabem as responsabilidades do prosseguimento do projecto e o Seu espírito aí estará como guardião. Mestre Malangatana, estejas onde estiveres, **À hu juule à móya uáku!**, isto é, **Paz à Sua Alma!**

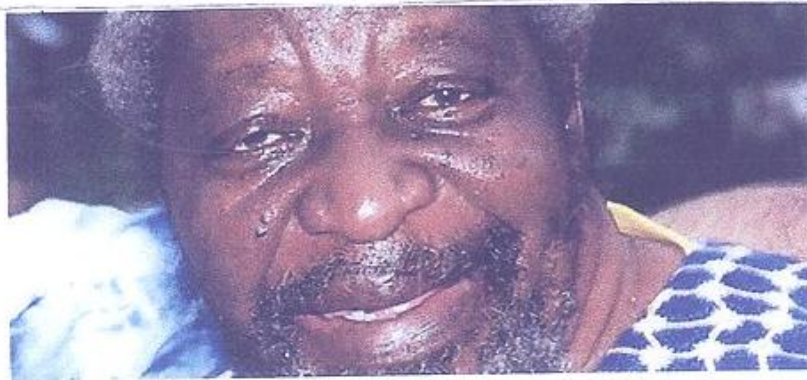
A sua obra continuará. O mito é indestrutível. Como escreveu Pauline Wynter em “Pambazuka News. Pan-African Voices for Freedom and Justice”, num texto publicado ontem com o título de “Malangatana, force of nature”, “Younger artists may have sometimes thought that Malangatana occupied too much space but he was a good steward of the forest. The big tree has fallen. The gaps in the canopy are enormous – therefore the little ones have to grow to fill”.

Tenho dito.

Lisboa, 13 de Janeiro de 2011

Em Anexo, além do texto de Eduardo White amplamente difundido, duas imagens de Malangatana que foram projectadas durante a Sessão na Academia das Ciências de Lisboa.

(Comunicação apresentada à Classe de Letras  
na sessão de 13 de Janeiro de 2011)



## Malangatana 1936-2011

### NOSSO COLORIDO MARINHEIRO MALANGATANA

Disseram-me, esta manhã, que tinha chegado um barco grande a Matosinhos. De um porto tão distante que os homens só dele sabem de ouvirem falar.

Veio munido de entorpecentes luzes, lento e majestoso como uma baleia divagando em seus mares. De dentro, tambores e cânticos ecoavam, rufando e seduzindo, enquanto bailarinas líquidas, dançando, se embrulhavam em milhentas mil cores sob os pássaros gentios que as acompanhavam.

Havia sol. Estranharam os contadores, pois que não é costume em tempos de tão rígidos frios serem ali solarengas as madrugadas e que nem pássaros se agitem em tão acordados voos. A nave, continuam eles, era um gigantesco vapor feito de invulgares materiais. Estrelas do mar, búzios, escamas prateadas de peixes, carapaças de caranguejos, conchas de um ouro luzidio e muitas máscaras de variáveis rostos.

Também se viam areias encarnadíssimas de uma fineza só igualável às mais longínquas sedas e madeiras rosa e negra e castanhamente canforizadas e também fortes como o ferro e negras como o bréu. E haviam, estranhamente, musculados negros vestidos de uma roupagem quase nua, carregando consigo enormes lanças e elmos de pele e escudos de enormes e vivas cabeças de leopardos rosnando. Também, contam-se as mulheres elegantíssimas cujos seios eram da mais perfeita e dura redondez e que os seguiam agitadas entre seus gritos comemorativos.

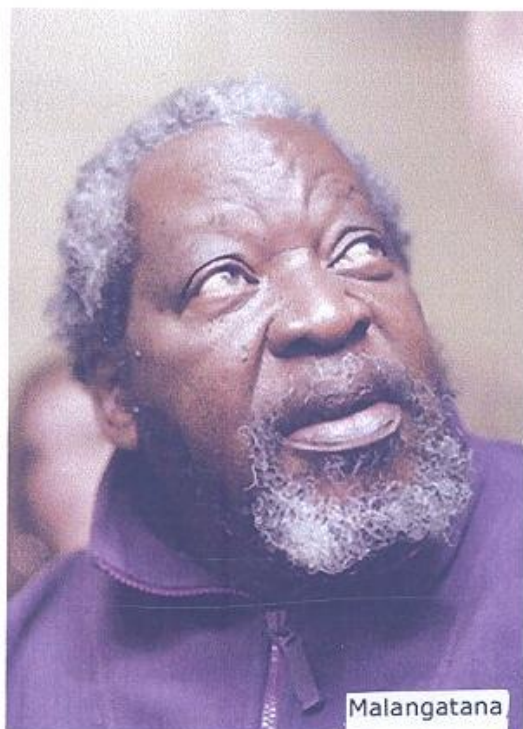
Dizem que Matosinhos terá acordado atônita com tão invulgar espectáculo. Eram as altíssimas labaredas que ondulavam de inúmeras fogueiras crepitando sobre o mar, as estrelas havidas

baixas e amarelas como o sol, como as luzes vastas de uma grande cidade, cintilantes e irrequietas, e, sobre elas, crianças rindo-se com papagaios tocando o azul límpido dos céus. Em volta do navio, contam-se incontáveis as almadias com os seus pescadores remando e golfinhos saltando, demorada, lentamente em sua volta e que também emitiam envidraçados sons cristalizados por todos os lados em flâmulas e minúsculas bandeiras coloridas, enquanto do seu casco se estendia, até junto à terra, uma enorme passadeira púrpura ladeada por árvores frutadas e perfumadas. Sobre ela caminhava um homem negro e forte que, em meio a sonoras gargalhadas, falava e cantava, palavras e músicas indizíveis, e dos seus cabelos brancos um extenso e distante algodão se agitava, e das mãos, enormes montanhas verdes de chá enobrecidas o guardavam e da boca, um grande rio trovejando para as duas gigantescas luas negras dos olhos aluando tudo. Falam as mais variadas vozes que, depois deste espetáculo, do navio se fez ouvir uma estridente sirene, tão forte, tão aguda, tão capaz de fazer tremer as casas dos homens, os prédios da terra, os campos em volta. Com esse som, os cães ladraram e os relógios pararam e o mar se abriu calmo e sereno para engolir aquela visão fantástica. E o silêncio, então, fez sentir-se como uma cortante e sibilante brisa para que a cidade voltasse a dormir de novo. Apenas mais tarde se soube, de um país haver percorrido o Mundo para embarcar o seu pintador enfeitiçado da vida, que, agora, naquela enorme nave, voltava para vivê-la na consanguinidade moçambicana das suas telas. Desse homem, nosso colorido marinho do mundo e de seu nome MALANGATANA, só mesmo elas, justa e mercidamente, poderão falar.

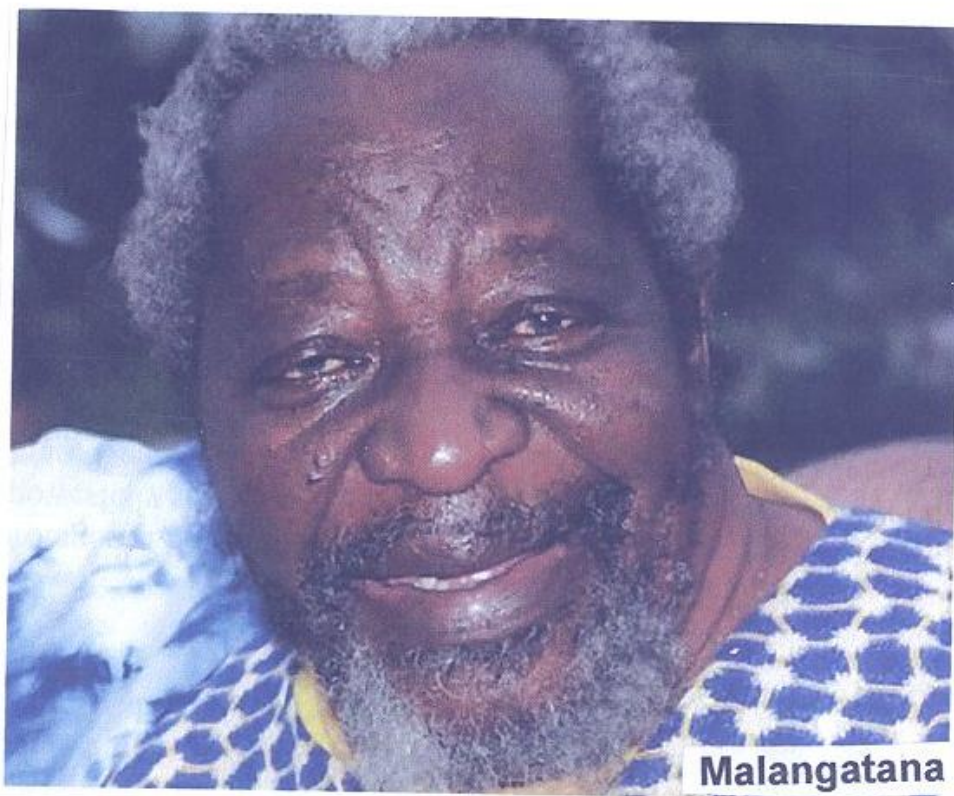
(Eduardo White 5 de Janeiro de 2011)







Malangatana



Malangatana